

Revista Brasileira de Agroecologia
Rev. Bras. de Agroecologia. 5(2): 126-138 (2010)
ISSN: 1980-9735

Dinâmica recente no espaço rural do município de Nossa Senhora da Glória/SE

Recent dynamics in the rural environment at the Municipality of Nossa Senhora da Glória - SE

MOTA, Dalva Maria da 1, SÁ, Cristiane Otto de 2, SÁ, José Luiz de 3

¹ Embrapa Amazônia Oriental, Belém/PA - Brasil, dalva@cpatu.embrapa.br; ² Embrapa Semi-Árido, Petrolina/PE - Brasil, sa@cpatsa.embrapa.br; ³ Embrapa Semi-Árido, Petrolina/PE - Brasil, cris@cpatsa.embrapa.br

RESUMO

O objetivo desse artigo é analisar a dinâmica recente no espaço rural de um município do semi-árido sergipano, reconhecido pelo dinamismo da sua economia que gira em torno da produção e processamento do leite por agricultores familiares, a despeito da inexistência de políticas específicas e continuadas para esse fim. A área de pesquisa é o município de Nossa Senhora da Glória localizado no Alto Sertão sergipano. A metodologia privilegiou o contato com atores-chave através de entrevistas, observações de campo, caminhadas transversais para observação da paisagem, participação em reuniões e levantamento de dados secundários. Os principais resultados demonstram que o município de Glória contém na sua totalidade três unidades de desenvolvimento com dinâmicas particulares a depender das estratégias dos agricultores, acesso e qualidade dos recursos naturais e vinculação com os mercados (trabalho, produto e financeiro).

PALAVRAS-CHAVE: agricultura familiar, leite, agroecologia, semi-árido.

ABSTRACT

The objective of this paper was to analyze the recent dynamics in the rural environment in a municipality in the Sergipe State semi-arid region, recognized for its dynamic economy based on the production and processing of milk by small scale farmers, despite a lack of specific and continuous policies for this purpose. The research area is the municipality of Nossa Senhora da Glória located at the Alto Sertão Sergipano. The methods emphasized the contact with the key-players through interviews, field observations, transversal walkings for landscape description, meetings and survey of secondary data. The main results demonstrated that Nossa Senhora da Glória municipality has in this totality three development units with unique dynamics depending on the farmers' strategies, access to and quality of natural resources, and the degree of involvement with markets (labor, product, and financial).

KEY WORDS: family-based agriculture, dairy, agroecology, semi-arid.

Correspondências para: dalva@cpatu.embrapa.br

Aceito para publicação em 09/08/2010

“Hoje o nosso sertão aqui... o que é uma fonte que dá mais desenvolvimento e mais tranquilidade para o homem do campo é a pecuária, o leite. O leite hoje transmite um crescimento na sociedade em emprego, porque hoje nós temos muitas micro-empresas, queijeiros. Todos eles têm a sua atividade... que o leite dá sustentação na vida de cada um deles” (G. S, político local, 55)

Introdução

Em se tratando da atividade pecuária no semi-árido, a literatura mostra que no processo de ocupação do interior nordestino, a pecuária foi a atividade primordial, como apontam diversos estudos (ANDRADE, 1986; FURTADO, 1987; SZMRECSÁNYI, 1998; ALMEIDA, 1984, 1991 e SANTOS & ANDRADE, 1992). Em Sergipe, não foi diferente e afirma-se que “o gado ia aonde a roça não tinha condições de chegar” (SANTOS & ANDRADE, 1992). Não obstante as oscilações da atividade por razões, predominantemente, endógenas¹, a pecuária nunca deixou de ser a atividade fundamental em articulação com a produção de culturas alimentares no interior das grandes propriedades pecuaristas ou nos seus arredores.

Muito embora a afirmação anterior seja adequada para o contexto em análise, foi entre as décadas de 80 e 90 do século XX, que o município de Nossa Senhora da Glória se destacou pela intensificação da atividade leiteira, predominantemente, nos estabelecimentos familiares a partir de uma cadeia produtiva em que a produção do leite para a fabricação do queijo dá origem, simultaneamente, a produtos artesanais muito valorizados no mercado regional (queijo coalho e requeijão) e ao soro, subproduto para alimentação de suínos (CARVALHO FILHO et al., 2000).

A origem da bacia leiteira de Nossa Senhora da Glória é bem conhecida na literatura, assim

como, as diferentes etapas de estruturação das atividades econômicas locais, segundo Carvalho Filho et al. (2000) estimada em 04 grandes fases que vão de 1960 a 1993. Ou seja, de uma produção voltada essencialmente para o consumo baseada na articulação minifúndio/latifúndio até a emergência da bacia leiteira cujos elementos centrais foram as políticas públicas (Projetos Sertanejo e Chapéu de Couro), o declínio de outras atividades agrícolas (como exemplo a decadência da lavoura de algodão causada pelo ataque do bicudo), a iniciativa de agricultores proprietários de pequenos estabelecimentos produtores de leite e dos proprietários de fabriquetas (ambos criadores de porcos com o soro produzido na fabricação do queijo), a pavimentação da rodovia Aracaju/Glória, acesso a mercados regionais e mudanças tecnológicas provenientes da assistência técnica e da iniciativa de produtores mais capitalizados e o surgimento de indústrias de laticínios.

Como visto, diferentes elementos interferiram para a estruturação e dinamização da bacia leiteira, considerada resultante de um conjunto de iniciativas que parecem orquestradas, predominantemente, pelos atores locais, a revelia da iniciativa pública que teve papel secundário e concentrado no desenvolvimento de ações que visavam mais a dotação de infra-estruturas de armazenamento de água e aquisição de terras, do que propriamente, a dinamização dos diferentes elos da cadeia produtiva do leite. Nas palavras de um agrônomo: “a bacia leiteira existe e caminha, apesar do estado” (CARVALHO FILHO et al., 2000)

Nos anos recentes, considera-se que as características da dinâmica agrária local apontam para a 5ª fase da bacia leiteira no marco das transformações que vêm se dando nos espaços rurais, cada vez mais, lugar de múltiplos fazeres, agrícolas ou não, conseqüentemente, objeto

de observação de consumidores preocupados tanto com a qualidade dos produtos, como também, com cuidados ambientais. Nesses termos, inauguram-se modos de análise que, necessariamente, englobam da produção ao consumo.

Considera-se essa 5ª fase como iniciada no final dos anos 90 e ainda em vigência em 2007, momento em que os agricultores produzem um tipo de queijo de coalho muito apreciado por consumidores da Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia e, como tal, são reconhecidos não somente entre os consumidores, mas também na literatura extra regional (ABRAMOVAY, 2000).

Segundo depoimento dos técnicos entrevistados, no início dos anos 90, muitos investimentos foram realizados para melhorar a qualidade do queijo de coalho e reconhecer o saber-fazer dos queijeiros locais, a exemplo do workshop do queijo², e dotar os estabelecimentos agrícolas de condições que amenizassem a vulnerabilidade nos períodos secos (alimentação para o gado). No entanto, proprietários de fabriquetas contestam e afirmam que nunca participaram de atividades desta natureza, o que demonstra um desencontro nas informações, provavelmente por ser esta uma atividade sob um tipo de pressão que ocasiona movimentos de sistole e diástole segundo as épocas. Exemplo disso é que as fabriquetas abrem e fecham de acordo com a disponibilidade de leite e as condições do mercado (SCHMITZ, 2005).

Ainda naquela época, havia um grande debate entre técnicos, agricultores e queijeiros quanto à aplicação das medidas sanitárias propostas pela legislação, o que implicaria, praticamente, no desmantelamento das fabriquetas³ e, conseqüentemente, da cadeia produtiva. Passados 10 anos, as condições de produção (do leite e do queijo) continuam da mesma forma, o queijo não tem nenhum problema de mercado e os agricultores produtores de leite continuam

vulneráveis aos efeitos da seca, particularmente no que diz respeito a grande dependência que têm do mercado de ração. Mesmo assim, a economia local está totalmente aquecida, mas a legislação e a fiscalização, cada vez mais, fecham o cerco em decorrência das precárias condições de higiene observadas desde a ordenha até o transporte do queijo. Os últimos encontros promovidos por instituições do Estado com os produtores de queijo tiveram uma característica ameaçadora o que ocasionou o fechamento de algumas fabriquetas e uma fuga dos produtores de queijo destas reuniões, como comentado por uma proprietária que tem no queijo a sua principal fonte de renda.

Tendo em vista essa problemática, o objetivo desse artigo é analisar a dinâmica agrária recente no município de Nossa Senhora da Glória, reconhecido pelo dinamismo da sua economia que gira em torno da produção e processamento do leite por agricultores familiares, a despeito da inexistência de políticas específicas e continuadas para esse fim e das constantes ameaças quanto à qualidade dos produtos, cristalizadas recentemente pela Instrução Normativa 51⁴.

Material e métodos

a) Construção Social da Demanda

A pesquisa foi desenvolvida como parte das ações de um Projeto mais amplo que visa o fortalecimento da produção familiar em sistema agroecológico na Bacia Leiteira de Glória, resultante da demanda levantada por ocasião da realização de um diagnóstico no semi-árido sergipano (MOTA & VASCONCELOS, 2005) e reforçada em 02 encontros com técnicos e agricultores que atuam na região (SCHMITZ, 2005). Nos encontros, as principais dificuldades apresentadas foram a crescente dependência de insumos externos para a manutenção do rebanho e a inexistência de alternativas viáveis de

produção de alimentos para o mesmo na propriedade, considerando o pequeno tamanho das áreas, a duração de 9 meses de seca no verão e a exigência de dispor do alimento do gado rapidamente para não comprometer a principal atividade (leite). Confrontadas as expectativas e dificuldades dos produtores com as possibilidades técnicas e de atuação da equipe do projeto levantou-se a possibilidade de desenvolvimento de ações conjuntas e participativas para buscar alternativas de melhoria dos atuais sistemas de produção, a partir do contato intenso da equipe com alguns produtores para fazer experiências conjuntas que deverão ser socializadas com os demais. Para os agricultores é claro que eles querem viver daquilo que produzem e que, futuramente, possam repassar essa atividade para filhos e netos.

Nesse contexto, esse artigo retrata os resultados de uma etapa da primeira fase de pesquisa, realizada no período de março a outubro de 2005, cujo objetivo é atualizar uma base de informações e conhecimento já existentes (CARVALHO FILHO et al., 2000; CERDAN & CARVALHO FILHO, 1998; SABOURIN & CARON, 2003) como também, manter contato com diferentes atores no intuito de conhecê-los e de se fazer conhecer para iniciar a construção de espaços de diálogos rumo à construção de parcerias para refletir e agir sobre a problemática do desenvolvimento sustentável na perspectiva agroecológica, segundo as demandas levantadas.

b) Procedimentos de Pesquisa

Com este intuito, a metodologia selecionada foi o uso de entrevistas com atores-chave⁵, cujos princípios estão detalhados em Mota et al. (1997), e tem como características centrais a demarcação e valorização dos saberes dos atores sobre um determinado espaço a que estes mesmos atores afirmam pertencer e a superposição destes

saberes construindo sínteses. A pesquisa se deu via entrevistas semi-estruturadas individuais e coletivas a partir de um mapa e de um roteiro em que apenas os temas são indicados⁶. Os entrevistados foram selecionados dentre os agricultores familiares que participaram de um encontro para a construção da demanda na sede do sindicato de trabalhadores rurais em Nossa Senhora da Glória. A proporção que iam sendo entrevistados nos seus lugares de residência, eles iam indicando outros agricultores que poderiam também ser entrevistados. O tempo de conversa foi variável e as entrevistas foram gravadas. O produto de cada entrevista é uma transcrição sistematizada e um mapa indicando o território a que o ator afirma pertencer. A partir das entrevistas concluídas, mapas e informações foram superpostos gerando um conhecimento no qual se pretendeu considerar as diferentes opiniões e conhecimentos. No total foram realizadas 09 entrevistas analisadas a luz da teoria pertinente e enriquecidas com dados secundários.

Um aspecto que deve ser considerado nessa metodologia é que a visão dos atores (agricultores e pesquisadores, por ex.) se forma pelas suas experiências, formações ou pelas expectativas⁷ que se elaboram nos jogos de interação como discutido tão bem por Goffman (1999) e que demandam reflexividade contínua. Gestos, palavras e silêncios orientam a ação do outro. Pretende-se também chamar a atenção para esta problemática neste artigo.

Resultados e discussão

Dinâmica Local em Nossa Senhora da Glória: a visão dos atores

Em consonância com a literatura, todos os entrevistados originários de Nossa Senhora da Glória afirmam que o gado sempre esteve presente nas atividades desenvolvidas no

município, muito embora reconheçam que o incremento da atividade leiteira é relativamente recente (anos 80). Para eles, antes dos anos 60 coexistia a criação de gado bovino, caprinos e ovinos, todos criados extensivamente. Naquele

tempo, “as terras ainda eram de héreu”, ou seja, apropriava-se das mesmas quem primeiro chegasse e se estabelecesse, normalmente, em vinculação com uma grande propriedade onde prestavam serviços a partir de diferentes relações.



Figura 1-Mapa das dinâmicas agrárias do município de Nossa Senhora da Glória segundo os atores-chave.

A possibilidade de ocupação era maior quanto mais distante fosse a terra dos centros de comercialização e serviços e os recursos naturais fossem de menor qualidade para a agricultura.

Nestes termos, os entrevistados são unânimes em afirmar que a menor dinamização da economia no município está exatamente nas áreas em que os recursos (especialmente a qualidade dos solos) são mais restritivos e distantes da sede municipal. Sem contar que em decorrência dessas condições o povoamento se deu de forma mais dispersa, argumento para a menor intensidade da ação das políticas públicas e da instalação dos pequenos negócios, tipo as fabriquetas. Seguindo esse raciocínio, os atores-chave entrevistados identificam três tipos de dinâmicas agrárias, conforme pode ser visto na Figura 1.

a) Região dos assentamentos

Segundo os entrevistados a estrutura fundiária dessa região passou recentemente por transformações profundas em decorrência da desapropriação de 01 grande fazenda para assentamento. Atualmente Nossa Senhora da Glória possui 06 assentamentos, formados por 290 famílias. Mesmo assim, restam ainda 02 fazendas grandes que têm cerca de 1000ha cada uma. As propriedades consideradas pelos entrevistados de tamanho médio (cerca de 80ha) são muitas, mas predominam as pequenas que têm entre 20 e 50ha. Reconhecem que depois da ação da reforma agrária na região são poucos os que não têm terra, muito embora as opiniões sejam divergentes quanto a adequação dessa política para pessoas que têm procedimentos tão diferenciados. Para alguns dos entrevistados, a própria noção de trabalho é relativa tendo poucas pessoas que valorizam o trabalho e uma maioria que só quer “brincar” como demonstra um dos depoimentos:

“Uns querem alguma coisas e uns não

querem nada. Nesses assentamentos dos sem-terra se o cara acha 10% dos homens que queira trabalhar é muito. Eles tão ali pra pegar uma infância , aquele projeto ali, mas trabalho não querem nada”.

É uma região que sofre mais os efeitos da seca por ser mais árida e ter solos de pior qualidade do que a região central, pois os solos embrejam e não são muito bons para plantio do feijão. Mesmo assim, as roças de milho e feijão estão presentes na maioria das pequenas propriedades e, também, nos lotes da reforma agrária, sendo que, a produção é predominantemente para o consumo da família e o leite para venda a fabriquetas locais que produzem diferentes tipos de queijo. Segundo os entrevistados a agricultura e a pecuária têm um caráter de “subsistência”, porque os recursos naturais são mais restritivos e há predominância de pequenos estabelecimentos. Em consequência, os agricultores dependem muito da venda de mão de obra a outros agricultores e aos maiores proprietários. A maior parte dos agricultores e filhos vende dia de serviço, mesmo que seja corrente a carência de mão de obra a ser contratada em decorrência, segundo os entrevistados que assalariam, das políticas sociais do governo federal que tem influenciado para que as pessoas ganhem sem trabalhar. Para alguns entrevistados, essa prática rompe com um padrão de socialização em que havia uma valorização muito grande do trabalhador sertanejo, inclusive, em outras regiões do estado e do Brasil.

Observam-se algumas áreas com mata, principalmente, nas propriedades maiores nas quais os donos não dependem exclusivamente da agricultura. No entanto, nos estabelecimentos dos agricultores, manter uma pequena área de mata começa a se constituir num motivo de conflitos entre vizinhos e parentes porque como é um recurso muito escasso, a pressão aumenta em

busca de madeira para cerca, para cabos de enxada, para acender um fogo. Como a região não dispõe mais de reservas, todos buscam no mesmo lugar, escondido ou abertamente, motivo de constrangimento para muitos deles.

b) Região “mais dinâmica”

Nessa região, a pecuária de leite é a principal atividade e quanto mais próximo da sede municipal mais tecnicada é a forma de produção. À proporção que se afasta, o nível tecnológico diminui. Há uma relação muito forte entre a disponibilidade de leite e a localização do estabelecimento. A família produtora tem uma relação muito especial com esse tipo de animal. “É quase um membro da família, tem nome, atenção e também se penhora”. Dá menos trabalho e menor investimento em cerca quando comparado com outros animais, como os ovinos e caprinos. Sem contar que produzir leite é motivo de orgulho para uma família que também se dedica à fabricação artesanal de queijo de “coalho”. Alguns têm de 50 a 60 cabeças, mas a grande maioria tem 10 cabeças e o leite tem fluxo semanal. É nesta região, chamada de a mais dinâmica, que acontece todos os sábados uma importante feira para o território do Alto Sertão, onde se comercializa entre outros produtos, o queijo de Glória.

A região tem uma excelente infra-estrutura em se tratando de água (adutora), estradas e energia elétrica, talvez, por isso concentre o maior número de fabriquetas do município que significa uma maior dinamização da economia. Além do maior laticínio, 18 das 24 fabriquetas em funcionamento no período do estudo, estão localizados nesta região mais dinâmica.. Os solos são rasos, o relevo plano e quase não embrejam servindo para diferentes culturas. Pode-se dizer que quase não tem mais vegetação nativa.

A ovinocultura está voltando a fazer parte dos

sistemas de produção de forma complementar ao leite, portanto, nesta região se concentra também o comércio dos ovinos do município. Os ovinos representam uma poupança que se dispõe na hora que se quer. O produtor começa a buscar novas estratégias, sendo maior a aceitação entre os proprietários daquilo que faz parte da tradição. E é por isso que, embora a região seja propícia para a caprinocultura, ela é quase que “empurrada” pelo SEBRAE, uma iniciativa um pouco forçada porque não tem um mercado interno em decorrência do sergipano não apreciar a carne e o leite. Apesar disso, está presente nesta região uma associação de caprinocultores de grande força no município em função da sua forma de organização e atuação que promete mudar este cenário da caprinocultura. Já a suinocultura está atrelada ao leite e às fabriquetas, criando vínculos mais intensos entre os diferentes tipos de produtores.

c) Região “mais pobre”

Ali há um equilíbrio entre as roças (milho e feijão predominantemente para consumo) e a pecuária leiteira. Assim como acontece na primeira região tratada neste artigo (região dos assentamentos), há um menor número de fabriquetas. Por isso mesmo, é comum a produção de queijos caseiros, principalmente os de feitio mais tradicionais, como o queijo coalho e o queijo manteiga que são comercializados regionalmente nas feiras. É prática comum a venda de pequenos animais para subsidiar o dinheiro da feira.

Esta região sofre mais os efeitos das secas, tem solos de pior qualidade e com tendência a ocorrência de erosão do que a região central (região mais dinâmica), pois os solos embrejam e não são muito bons para feijão, o seja, a subsistência fica comprometida. Além do mais, é reconhecida como a que tem a pior infra-estrutura,

inclusive falta água para consumo humano. Predominam pequenas propriedades, cujos proprietários vendem e compram dia de serviço. Muita gente planta palma e tomba a terra com uso de trator, sendo que, o uso da tração animal tem diminuído drasticamente em todo o município. Os produtores de leite reconhecem que a palma é uma cultura importante para a alimentação do gado, no entanto, ela não apresenta a produtividade desejada. Os agricultores mais velhos comentam que antigamente quando se derrubava e queimava a mata para plantar a palma, ela vinha forte, porém, hoje em dia eles têm dificuldade para implantar e mantê-las. Há uma clara divisão do trabalho entre homens e mulheres, inclusive venda de trabalho por elas. A dependência de insumos externos é marcante, sendo que, a compra de ração para os animais diminui os ganhos e, o uso de bancos de proteína como por exemplo, a leucena (*Leucaena leucocephala*) não é prática conhecida, já que de acordo com os depoimentos, não compensa plantar, porque ela é muito seca, não produz no verão e verde o gado não come. Apesar dos programas governamentais estimularem o melhoramento do gado no município predomina o gado mestiço sem muita especialização nesta região.

d) O que há em comum em experiências tão distintas?

Apesar das particularidades de cada região demarcada, os entrevistados apontam, características que reconhecem como sendo comuns e que dão singularidade ao município.

Reconhecem, por exemplo, que até os anos 60, as propriedades eram maiores e todos os filhos herdavam com a morte do pai. No entanto, havia uma tendência de maior investimento nos estudos para as mulheres, como observado por Woortman (1995) em seus estudos em diferentes espaços rurais do Brasil.

Muito embora houvesse terra para a família, todas as atividades eram, predominantemente, voltadas para o consumo e as roças de milho, feijão e mandioca eram comuns em todas as propriedades. Os animais, principalmente ovelhas, eram criados soltos e as roças é que eram cercadas. Gado só era criado para produzir um leite para o consumo da família, para manejar um arado ou para transportar as pessoas e produtos. Diferentemente de outras regiões, não há uma idealização do passado e todos afirmam que o tempo presente é melhor em decorrência do trabalho ser mais leve e existirem mais alternativas de remuneração dos serviços e dos produtos, o que demonstra a dinamização da economia local e uma satisfação com as atividades que realizam. Parece contraditório que um tema que pontua todas as discussões técnicas, (restrições legais e sanitárias aos queijos), não aparente fazer parte das suas preocupações, muito embora a gênese do dinamismo da economia esteja associada às fabriquetas. Alguns atores chegam a afirmar que o queijo é “de excelente qualidade” e parecem desconhecer completamente a ameaça que os ronda, principalmente, face as novas exigências sanitárias e de consumo.

Os entrevistados também afirmam que os tempos atuais são diferenciados quanto ao acesso a serviços de assistência técnica. Atribuem esse fato, a proliferação das associações que tanto concentram a execução de políticas como, teoricamente, os que mediam nas suas relações com os técnicos. Em Nossa Senhora da Glória existem 59 entidades de organização social representativas dos agricultores familiares, sendo 57 associações, 1 sindicato e 1 cooperativa. Geograficamente as associações são bem distribuídas, abrangendo todos os povoados do município, chegando, em alguns casos existir mais de uma entidade por povoado. As associações são fundadas por interesses

diversos, mas, principalmente, por interesses político-partidários, se reunindo, muitas vezes, somente quando tem algum financiamento ou benefício em vista.

Na segunda região de maior área, está localizada a maioria dos povoados e associações.

Se por um lado, garante conquistas, por outro, exclui a possibilidade de interação, de trocas de experiências e de situações de aprendizagens, outrora fundamentais. Está implícita nesta crítica a compreensão de que à formação de associações é mais para viabilizar as políticas do que os agricultores. Assim, reconhecem que cada um deve buscar solitariamente o que necessita, seja na Emdagro, nas lojas especializadas ou com os vizinhos.

Reconhecem também que há uma reação ao trabalho em grupo, à dependência de terceiros e uma super valorização da independência, da capacidade de ser e fazer só (HOLANDA, 1988), muito embora no passado as redes de solidariedades fossem exercitadas tradicionalmente, a exemplo, dos batalhões.

Intensificação da dependência do mercado tanto de produtos como de insumos. Reconhecem a melhoria da qualidade de vida quanto ao trabalho e piora quanto ao consumo, segurança alimentar “hoje só come brefaia”

e) As Fabriquetas: alternativa e entraves

Os entrevistados são unânimes em afirmar que o destino do leite em Glória sempre esteve vinculado à fabricação regional de queijos tradicionais. A literatura reforça essa opinião e em diagnóstico realizado em vários municípios que compõem as bacias leiteiras do Sertão Sergipano constatou-se que de 50% a 70% do leite é absorvido pelo setor queijeiro (CERDAN et al, 1998). Segundo estudo realizado em Nossa Senhora da Glória no ano de 2007, esta porcentagem caiu para 40%, indicando uma fragilidade na produção artesanal de queijo que

pode trazer prejuízos para o equilíbrio da cadeia produtiva na região, já que diminui a competitividade e, conseqüentemente, o preço pago pelo litro de leite ao produtor (OLIVEIRA, 2007).

As fabriquetas estão em todas as três regiões identificadas, mas se concentram na segunda (18) em decorrência da disponibilidade de infraestrutura e da facilidade de acesso para os comerciantes. São pequenas unidades informais de transformação que têm uma importância fundamental na constituição do tecido social daquele território, seja porque prestam serviços, seja porque empregam ou ainda pelo fato de produzirem produtos que pela sua qualidade gustativa são associados a uma região, condição muito valorizada no atual contexto de reconhecimentos da importância das capacidades locais. O conhecimento do queijeiro é repassado de geração para geração, sendo esta a forma predominante do aprendizado para a confecção dos queijos, principalmente os mais tradicionais do Nordeste como o queijo coalho e o requeijão. Portanto, é importante destacar que a emergência dessas unidades assenta-se na existência de um saber-fazer local da transformação de leite em queijo. Essa condição nos faz recordar Sen (1993) e Abramovay (2000) na sua valorização das capacidades locais como um dos principais pressupostos para a redução da pobreza.

Dentre as práticas das fabriquetas estão a coleta do leite no curral, pagamento semanal em espécie, a devolução de parte (50%) do soro ao agricultor para uma pequena exploração de suínos⁸, além do atendimento a estes produtores em qualquer época do ano, independente do volume produzido, o que diminui a vulnerabilidade do agricultor nos períodos secos. Em contraste, as indústrias privilegiam maior volume de produção diário e regularidade da produção. Sem contatar que a concorrência entre elas contribui para um preço do leite mais elevado para o produtor, que

lhe permite intensificar a sua produção (BERTIN, 1997).

De acordo com Cerdan & Carvalho Filho (1998) as fabriquetas atendem a um grande número de produtores, cada uma processando, entre 1.000 e 5.000 litros por dia, num total de 60.000 litros diários, gerando em torno de 150 postos de trabalho diretos (CERDAN et al. 1998). O encerramento das atividades da Parmalat em 1998, contribuiu para consolidar o papel das fabriquetas de queijos como absorvedoras e mantenedoras da produção leiteira. Em pesquisa recente realizada no ano de 2006 foram identificadas somente em Nossa Senhora da Glória 24 fabriquetas processando 50.000 litros de leite por dia proveniente de 1009 produtores (OLIVEIRA, 2007).

Além dos queijos tradicionais, são fabricados produtos como a mussarela, ou um produto específico, o queijo pré-cozido⁹, que apresenta melhor aptidão (consistência) para ser grelhado na brasa, além de menor perecibilidade, o que lhe permite alcançar mercados mais distantes como Recife, Campina Grande, Fortaleza e Salvador. Se por um lado, estes produtos evidenciam a alta capacidade dessas unidades de se adaptarem ao contexto e de encontrar novos mercados, por outro, trata-se de um mercado muito instável, em que cada fabricante domina a fabricação de vários queijos para poder ter maior flexibilidade face às quedas de preços (CERDAN et al., 1998).

A importância das fabriquetas para o desenvolvimento local e, conseqüentemente, para a reprodução social das unidades familiares de produção, se evidencia como uma unanimidade entre os diferentes atores entrevistados. No entanto, há também unanimidade quanto aos problemas que impedem o reconhecimento legal destas unidades: problemas de qualidade sanitária (só um pequeno número de fabriquetas atende aos padrões mínimos exigidos) desde a ordenha e coleta do leite, passando pelo processamento, até

o final da cadeia de comercialização.

Apesar dessas barreiras, uma consulta junto aos consumidores de Aracaju, realizada por Chignier et. al. (1997), revelou a existência de um segmento de mercado significativo para os queijos artesanais de identidade regional e a possibilidade de aumento de consumo e de agregação de valor, se melhoradas as condições de higiene em todos os segmentos da cadeia produtiva. Esta tendência foi particularmente evidenciada por consumidores mais esclarecidos e de maior poder aquisitivo, que desejariam, inclusive, poder comprá-los em supermercados, desde que devidamente certificados. Por outro lado, os custos de produção nas fabriquetas são baixos, porque resultam de técnicas/equipamentos artesanais e da informalidade da produção. A manutenção da estrutura de baixos custos torna-se estratégica ao permitir a comercialização dos queijos nos mercados a preços populares, conferindo, de certa forma, sustentabilidade à atividade (ROCHA, 2004).

Apesar das dificuldades que enfrentam quanto ao atendimento das exigências legais, nem sempre valorizadoras do saber-fazer local, os atores envolvidos na produção dos queijos têm demonstrado um potencial para competição nos mercados regionais onde a capacidade de atendimento aos desejos do cliente é uma condição indispensável. Da apreciação de queijos mais calóricos para menos calóricos o mercado tem sinalizado e as fabriquetas se adequam. Importante ator nesse processo são os atravessadores, elo de ligação entre produtores e mercados consumidores e responsáveis pela transmissão dos atuais gostos e preferências (textura, cor, teor de sal, sabor, etc.). Realimenta-se, dessa forma, a relação entre atores diversos e posicionados em espaços múltiplos.

Tem-se, portanto, um ambiente competitivo que envolve a atuação de quatro agentes centrais: produtores de leite, proprietários de fabriquetas,

atravessadores e consumidores, considerando-se que na última década, tem se valorizado o estudo do conjunto dos processos que vão da produção ao consumo das diferentes mercadorias (MOTA & SILVA JÚNIOR, 2003). Outras características desse ambiente – informalidade, técnicas artesanais e custos baixos – fazem parte das estratégias adotadas.

Apesar de Rocha (2004) afirmar que as estratégias das fabriquetas fundamentam-se no enfoque de mercado nos consumidores de rendas mais baixas e, conseqüentemente, no atendimento das demandas desse segmento, exigindo flexibilidade e agilidade de produção, acredita-se que a segmentação é um dos guias da atuação, considerando que são produzidos queijos com certas características para cada grupo de consumidor. Nas palavras de um proprietário de uma fabriqueta: “esse aqui é para a Bahia que gosta de um queijo mais duro, já esse é para a Paraíba que prefere mais branco e com muitos furos”. Essa capacidade, aliada ao atrelamento do produto a uma identidade regional, é um diferencial positivo nos novos tempos em que os consumidores começam a querer mais do que um produto exclusivamente saboroso. Nestes termos, o desafio é: como valorizar o saber-fazer local dos agricultores e dos proprietários de fabriquetas num padrão em que a qualidade seja a tônica a exemplo do que ocorre em outras áreas do Brasil, como em Minas Gerais com o queijo Canastra. A diversidade das unidades de beneficiamento do leite é importante para o equilíbrio da cadeia produtiva, sendo necessária uma legislação adequada para as fabriquetas e produções caseiras, de modo a preservar a atividade e, também, estimular a produção do leite de forma artesanal com os devidos cuidados higiênico-sanitários, abandonando assim a clandestinidade, desejo da maioria dos queijeiros de Glória.

Considerações finais e pistas de pesquisa

As principais conclusões mostraram que:

1. Há um reconhecimento por parte de todos os atores de que a pecuária de leite, a produção de queijo e a criação de porcos são simultaneamente dependentes e partes do sistema de produção que constitui a base da economia e da vida social local no município de Nossa Senhora de Glória. Apesar desse reconhecimento, há uma identificação clara das diferenças e complementariedades entre os diferentes atores que compõem o sistema;
2. A atividade das fabriquetas é considerada a que mais gera empregos e dinamiza a economia local;
3. O acesso diferenciado (qualidade e quantidade) aos recursos naturais interfere significativamente na dinâmica da vida local em decorrência das populações que ali residem serem mais vulneráveis aos efeitos da seca e contarem menos com infra-estruturas que facilitem o processamento do queijo (água) e a chegada dos compradores de queijo e de outros produtos;
4. O caráter funcional do associativismo é, ao mesmo tempo, criticado por uns e valorizados por outros. Há um consenso em torno da idéia de que as associações ao intermediarem a relação dos agricultores com o poder público diminui a possibilidade de contato de cada agricultor com agentes externos e, conseqüentemente, de consideração das características individuais no desenvolvimento de ações;
5. As duas regiões localizadas nos extremos leste e oeste concentram os menores estabelecimentos e os agricultores com menor capacidade de investimento;

Notas

¹ A exemplo dos conflitos entre colonizadores portugueses e holandeses a partir de 1637 (Santos & Andrade, 1992).

² De 19 a 21 de outubro de 1999 realizou-se em Aracajú/SE o Workshop “Desenvolvimento do Setor Queijeiro no Nordeste Brasileiro” sob a coordenação da Secretaria de Agricultura do Estado de Sergipe, Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (EMDAGRO), Embrapa Semi-Árido e Centro Internacional de Cooperação para o Desenvolvimento da Agricultura (CIRAD).

³ Face aos altos preços para instalação das plantas propostas.

⁴ Instrução Normativa no. 51, de 18 de setembro de 2002, publicada no Diário Oficial da União de 20/09/2002, Seção 1, Página 13 aprova os regulamentos técnicos de produção, identidade e qualidade do leite tipo A, do leite tipo B, do leite tipo C, do leite pasteurizado e do leite cru refrigerado e o regulamento técnico da coleta de leite cru refrigerado e seu transporte a granel.

⁵ Agricultores familiares (homens e mulheres); técnicos; organizações dos agricultores familiares; movimentos sociais; ONG's; instituições que atuam no espaço rural (saúde, educação, ater, pesquisa etc.)

⁶ Atividades produtivas, recursos naturais, estrutura fundiária, mão-de-obra, mercado e comercialização, infra-estrutura e problemática geral

⁷ Ao saberem que estão dialogando com pesquisadores da Embrapa as questões tendem a ser valorizadas quanto às atividades agropecuárias. Mas, pelo lado dos pesquisadores, têm mais desenvoltura para conversar exatamente

sobre estas questões.

⁸ O que possibilita um aproveitamento ambientalmente menos danoso daquele resíduo; A produção de queijo está sempre associada à suinocultura (a partir do soro) o que permite, na realidade, assegurar a viabilidade econômica dessas unidades (CERDAN & CARVALHO FILHO, 1998). Esta relação “simbiótica” entre queijarias e suinocultura, conforme explica o fato de o município de N. S da Glória deter, em 1998, 10% do efetivo de suínos do Estado (CERDAN & CARVALHO FILHO, 1998).

⁹ Normalmente vendido nas praias nordestinas por vendedores ambulantes que levam consigo pedaços de queijo enfiados em palitos de madeira para serem assados diante do consumidor. Essa prática se generalizou nas praias nordestinas nas duas últimas décadas.

Referências bibliográficas

- ABRAMOVAY, R. 2000. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. **Economia Aplicada** (Brasil) 4 (2): pp. 379-397.
- ALMEIDA, M. da G. S. 1984. **Sergipe: fundamentos de uma economia dependente**. Petrópolis, Ed. Vozes. 294p.
- ALMEIDA, M. da G. S. 1991. Atividades produtivas. In: DINIZ, D. M. (org.). **Textos para a história de Sergipe**. Aracaju, Universidade Federal de Sergipe, BANESE. pp.61-125.
- ANDRADE, M. C. 1986. **A terra e o homem no Nordeste**. 5ed. São Paulo, Atlas. 239p.
- BERTIN, L. 1997. **Estudo de comercialização de leite e mandioca na área de atuação do Pro-Sertão**. Aracaju, EMDAGRO, ADAC, FIDA PRO SERTÃO. 2 v.
- CARVALHO FILHO, O. M. de et al. 2000. **A pequena produção de leite no semi-árido sergipano**. Petrolina: Embrapa Semi Árido. Documentos, 153. 26p.
- CERDAN, C.; CARVALHO FILHO, O. M. de. 1998. Os pequenos produtores de leite no semi-árido nordestino: diferentes formas de inserção ao mercado regional. In: MOTA, D. M. et al. (Ed.).

- Agricultura familiar: desafios para a sustentabilidade.** Aracaju, Embrapa Tabuleiros Costeiros. 276 p.
- CHIGNIER, C. et al. 1997. A percepção dos consumidores de Aracaju, SE sobre a qualidade dos queijos artesanais. In: Encontro de Pesquisa sobre a Questão Agrária nos Tabuleiros Costeiros de Sergipe, 2., Aracaju, 1997. Agricultura Familiar em debate: **anais.** Aracaju, EMBRAPA-CPATC. pp.113-118.
- FURTADO, C. 1987. **Formação econômica do Brasil.** 22ed. São Paulo, Ed. Nacional. 248p.
- GOFFMAN, E. 1999. **A representação do eu na vida cotidiana.** 8ed. Petrópolis, Ed. Vozes. 233p.
- HOLANDA, S. B. de. 1988. **Raízes do Brasil.** 20ed. Rio de Janeiro, J. Olympio Editora. 158 p.
- MOTA, D. M. da et al. 1997. Zoneamento agrossocioeconômico dos tabuleiros costeiros e da baixada litorânea de Sergipe. **Agrotrópica (Brasil)** 9 (1): 1-2.
- MOTA, D. M.; SILVA JÚNIOR, J. F. 2003. Populações tradicionais e formas coletivas de gestão das áreas de ocorrência de mangabeira. **Raízes**, Campina Grande, v. 22, n. 2, p. 225-233.
- MOTA, D. M. da; VASCONCELOS, J. B. 2005. Desenvolvimento territorial no sudoeste sergipano. In: MOTA, D. M. da; SCHMITZ, H.; VASCONCELOS, E. E. M. (orgs.). **Agricultura familiar e abordagem sistêmica.** Aracaju, SBSP. p. 283-302.
- OLIVEIRA, T.M.B.F.O. 2007. Dinâmica da produção e comercialização dos produtos lácteos de Nossa Senhora da Glória, semi-árido sergipano. 116p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, SE.
- ROCHA, A. S. 2004. Mercados e estratégias empresariais na agroindústria de leite e laticínios: um estudo comparativo. Dissertação de Mestrado. Salvador, UFBA. 179p.
- SABOURIN, E.; CARON, P. 2003. Origem e evolução da agricultura familiar no Nordeste semi-árido. In: SABOURIN, E.; CARON, P. (orgs.). **Camponeses do sertão.** Brasília, CIRAD/EMBRAPA. pp.29-45.
- SANTOS, A. F.; ANDRADE, J. A. A 1992. **Delimitação e regionalização do Brasil Semi-Árido.** Aracaju, UFS, CNPQ/SUDENE. 232p.
- SCHMITZ, H. 2005. **Projeto Glória: experiências dos produtores de leite e queijo da bacia leiteira de Nossa Senhora da Glória.** Aracaju, Embrapa Semi-Árido. 20p. Relatório do Encontro Técnico.
- SZMRECSÁNYI, T. 1998. **Pequena história da agricultura no Brasil.** 4ed. São Paulo, Contexto. 175p.
- SEN, A. 1993. A economia da vida e da morte. **Revista Brasileira de Ciências Sociais (Brasil)** 3 (23): 138-145.
- WOORTMANN, E. 1995. Casamento e herança no sítio. In: WOORTMANN, E. **Herdeiros, parentes e compadres.** São Paulo, Hucitec; Brasília, Universidade de Brasília. Estudos Rurais, 13. pp. 257-284.